



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

23 de Março de 2002 • Ano LIX — N.º 1514
Preço: € 0,30 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

19 de Março de 1932

SETENTA anos de Obra da Rua se cumpriram nesta data. Em mente de rigor jurídico deveria escrever o nome em minúsculas porquanto, ao tempo, se tratava de uma acção na rua, sem estatuto nem regulamentos, sem «ordem do dia» nem qualquer carácter dos que denunciavam organização. «A minha vida era um caos — recordava, às vezes, o sujeito desta acção — Andava por lá... Davam-me aqui uma esmola e eu ia deixá-la acolá num tugúrio onde a miséria era minha conhecida». E foi assim neste itinerário de conhecimento comungante, com um esboço de método a partir do Verão de 1935, ensaiado nas «colónias de campo» para os filhos de ninguém... e da tuberculose, que ele gastou os anos dessa década. Durante eles, nas ruas da Cidade Doutora onde a miséria campeava, fez, sem outro mestre que não fosse a convivência dos Pobres, o seu mestrado em Ciências Humanas e assim fundou os alicerces do futuro, da hora que haveria de soar para do caos emergir a ordem.

Desde seminarista esta sua paixão era conhecida. Os quase três anos que levava depois da ordenação sacerdotal, em funções que não eram a sua missão, foram tempo de purificação para ele e de reflexão para o Presbitério a que pertencia. O seu Bispo estava atento. O Cónego Trindade Salgueiro era um amigo íntimo e certo de que Deus tinha um destino para ele. «Deixe-o determinar-se» — dizia o Cónego ao seu Prelado a respeito do Padre Américo. D. Manuel Luís Coelho

da Silva, na sua graça de estado, soube ler a determinação e considerou a prova feita ao entregar-lhe naquele dia de S. José, o encargo da «Sopa dos Pobres», deixando-o livre para tratar deles, além da «Sopa» que era já serviço deles.

Até àquele dia o seu «andar por lá» no meio dos Pobres era devoção apaixonadamente praticada. A partir dele tornou-se a sua obrigação — e ele iria cumpri-la religiosamente até ao fim, na obediência que tinha prometido na hora da ordenação presbiteral e a que voluntariamente se comprometera por voto, antes, ao receber o subdiaconado.

Homem de Fé, padre da Igreja na literalidade absoluta do seu compromisso, esta palavra de ordem do seu Bispo é verdadeiramente a pedra angular da Obra da Rua e nunca Pai Américo se firmou em outra para reconhecer e assumir a legitimidade da sua missão. Meses antes de morrer, quando funcionavam já, em pleno, todas as Casas do Gaiato que ora existem em Portugal e o Calvário preparava os primeiros passos, ouvi-lhe: «Se o meu Bispo me mandasse parar, eu parava. Seria a crucifixão, mas parava.»

Esta palavra dita pelo Bispo de Coimbra há setenta anos: «Vá tratar dos Pobres» (nem sei se há algum documento escrito...); os repetidos: «Ande lá...» de D. Manuel Luís sempre que Pai Américo lhe ia prestar contas (mesmo sem o Prelado as entender muito bem: «A sua vida é um mistifório!»); a confiança manifes-

Continua na página 3



Um «Batatinha», da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, afaga uma linda flor.

TRIBUNA DE COIMBRA

Apelo que Deus nos faz

TEMOS procurado concretizar em palavras e actos, o apelo que Deus nos faz nesta Quaresma, e que a Igreja sintetizou deste modo: «Recebestes de graça, dai gratuitamente».

Assim, este ano, voltá-

mos à Igreja de Santa Cruz, no primeiro Domingo da Quaresma, como tradição boa que tínhamos interrompido. Pregámos, à luz do Evangelho das tentações, o amor eterno que Deus nos tem; que nunca nos abandona, nem na adversidade nem na tentação. Dissemos que parte do peditério seria para ajudar a restaurar a casa de uma casal que já viveu com os seus filhos antes de ter mergulhado na droga e na prostituição. Agora, que se estão erguendo com a ajuda de mãos amigas, querem para lá voltar. Embora tenhamos as nossas necessidades, vamos também ajudar. Somos pobres que queremos ajudar outros Pobres.

Na segunda semana da Quaresma estivemos em Soure. Foi uma sexta-feira à noite. Presentes todos os grupos da paróquia. Que falasse do «Rosto do Ressuscitado» — disse-ram-me. Comecei pelo «Crucificado». É uma experiência com a qual diariamente nos confrontamos, no mundo dos Pobres e na Casa do Gaiato. Qua-

renta minutos que passaram depressa.

No terceiro Domingo da Quaresma, na Igreja de São José. A mesma estima de sempre, repetida em muitos «euros» e muita amizade. À luz do Evangelho da samaritana, focámos a sede espiritual do nosso tempo. A sede dos mais Pobres e também dos gaiatos sem família; daqueles para quem nos tornámos família. Deixamos sempre um desafio à consagração da vida por inteiro a eles. O lugar é o mais apropriado, a Comunidade, e o momento o mais tocante possível: a partilha do Pão Divino. Claro, a ressonância — que parece distante na partilha da vida, segue outros ritmos que Deus esconde no Seu coração. Não se fechem os corações!

Já depois do quarto Domingo veio um apelo dos lados de Leiria. O grupo identifica-se e logo acrescenta: «Ligado à Igreja». A Igreja é Mãe. Os cristãos na sua acção sócio-caritativa não vão sem esse

Continua na página 4

BENGUELA

A água e a falta dela no rio Cavaco

O rio Cavaco, finalmente, leva água. O vale que tira o nome do rio é, na verdade, um verdadeiro celeiro de Angola, se explorado devidamente. São alguns milhares de hectares potencialmente muito ricos, se lhes não faltar a água que o rio lhes dá por infiltração. É alimentado, deste modo, o lençol freático que, por sua vez, abastece as centenas de bombas que chupam o precioso líquido através de furos. Pena é que do rio Cavaco, na maior parte dos meses do ano, se vejam, apenas, as areias. Por isso, é sempre um acontecimento local a chegada da água ao rio, fruto das fortes chuvadas nas zonas do interior, onde o leito começa a ganhar forma. Quando a chuva falta, a água também falta, com o perigo grave da infiltração da água do mar, salgando

os furos com a destruição ou impossibilidade de qualquer cultura. A água do rio Cavaco é uma Bênção, sinal de fecundidade.

A água ou a falta dela no rio tocanos, muito de perto, pois a nossa Casa está situada na margem direita. Começamos a sentir aflição, em comunhão com todos os agricultores e com a população da Cidade que é abastecida do mesmo lençol. Quem dera a água do rio Cavaco fique connosco por alguns meses! Mas, se há possibilidade de a manter durante todo o ano... porque não ir para a frente? Os homens têm a solução nas mãos.

Chove poucas vezes, nesta zona litoral centro. É quanto basta para encher de medo boa parte da gente dos bairros periféricos. Porquê? As chuvas muito fortes levam consigo as casas feitas de

adobes, sem o mínimo de segurança. Em poucos dias levantam suas habitações. Em poucas horas ficam sem elas. Batem-nos à porta em busca de socorro, como se tivéssemos solução para todos os casos. Sobretudo as mães com seus filhos às costas e pela mão. Vamos meter mãos à obra e ajudar até onde pudermos ir. Precisam de tudo: adobes, chapas, janelas, portas, dobradiças. Quantas vezes pergunto: — Não têm nada? Onde está a partilha que é um valor humano tão rico nesta sociedade? Há que recuperá-lo. A guerra é um monstro que, por onde passa, só deixa miséria, destruição. Valores humanos que fazem a riqueza do povo estão gravemente feridos e destruídos. Queremos ajudar a recuperá-los. Quantas

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO



Conferência de Paço de Sousa

TRIGÉMEOS — Já referimos o caso duma viúva-mãe com trigêmeos. Hoje, publicamos o grupo deles. Lindas crianças que a mãe trata com amor!

Para criar os meninos ela recebe, da Segurança Social, 10.020\$00 de abono de família para cada menino e a pensão de sobrevivência de 45.080\$00.

Porém, se não fossem os Leitores, teria de apertar mais o cinto; não falando da conta da farmácia para o agregado.

VOZ DO PAPA — Resto da mensagem do Dia Mundial da Paz:

«(...) No entanto, deve afirmar-se claramente que as injustiças existentes no mundo jamais podem ser invocadas como desculpa para justificar os atentados terroristas. Além disso, deve assinalar-se que, entre as vítimas da derrocada radical da ordem tentada pelos terroristas, incluem-se em primeiro lugar os milhões de homens e mulheres menos preparados para resistirem ao colapso da partilha internacional. Refiro-me especificamente aos povos em vias de desenvolvimento, que já vivem no limite ínfimo da sobrevivência e que seriam os mais dolorosamente atingidos pelo caos político e económico global. A falsidade da pretensão que se arroga o terrorismo, de agir em nome dos Pobres, é patente.

Quem mata, com actos terroristas, cultiva sentimentos de desprezo pela Humanidade, manifestando desespero pela vida e pelo futuro: nesta perspectiva, tudo pode ser odiado e destruído. O terrorista considera a verdade em que crê ou o sofrimento que padece tão absolutos que legitimam a sua reacção de destruir inclusivamente vidas humanas inocentes. Por vezes, o terrorismo é filho de um fundamentalismo fanático, que nasce da convicção de poder impor a todos a aceitação da sua própria visão da verdade. Mas a verdade, uma vez alcançada — e isto verifica-se sempre de forma limitada e imperfeita — jamais pode ser imposta. O respeito pela consciência alheia, na

qual se reflecte a mesma imagem de Deus (cf. Gén 1, 26-27), permite apenas propor a verdade ao outro, a quem compete depois acolhê-la responsabilmente. Pretender impor aos outros, com violência, aquela que se presume ser a verdade significa violar a dignidade do ser humano e, em última instância, ultrajar a Deus, de quem aquele é imagem.»

PARTILHA — A assinante 21, do Porto, afirma que, «por pura coincidência tinha separado esta verba (250 euros) para a vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, só que ainda não tinha cheques em euros. Peço seja lembrada a alma de minhas irmãs, por quem destinava a intenção deste donativo».

Outra vez, Porto, com 350 euros, pela mão da assinante 113, «como migalha para distribuírem aos casos mais tristes que socorrem».

Espinho: «pequena ajuda, com muito amor, 25 euros», enviados pela assinante 11973.

A família da assinante 56094, de Queluz, presente com 120 euros: «Adoro ler O GAIATO. Faz-me muito bem! Ajuda-me a ser mais cristã! Nunca vos esqueço nas minhas orações!»

Vinte e cinco euros, muito certinhos, duma leitora de Areia — Vila do Conde, «para ajuda da farmácia dos mais necessitados».

Assinante 20517, de Fiães, com 15 euros, de Janeiro e Fevereiro. 250 ditos, do assinante 71035, de Matosinhos.

Covilhã: Trinta euros da assinante 70940. Pede desculpa (não somos dignos de tanta amizade!) «pela demora, mas, por vezes, os problemas da vida assim determinam os acontecimentos. O GAIATO dá-me muita alegria, embora, por vezes, sinta alguma tristeza por não poder superar mais tantas necessidades doutros Pobres».

Um cheque, de Algés para assinatura do Famoso e... «para o mais urgente na acção da vossa Conferência: medicamentos, reparação de moradias dos Pobres... os mais necessitados». É uma presença da assinante 14011, de Cruz Quebrada.

A presença habitual da assinante 14493, do Porto, com a contribuição referente ao mês de Fevereiro.

Fiães: 110 euros, «a minha mensalidade de Março, para medicamentos dum velhinho.

Agradeço anonimato. Deus ajude a todos. Um abraço amigo — que retribuimos. É a presença da assinante 31254.

Remanescente de contas, da assinante 9976, de Ermesinde, «pedindo a Deus que os ajude em vossa missão». Fraternidade preciosa, bem cristã!

Mais 250 euros, da assinante 44149, de Almada. Põe a assinatura d'O GAIATO em ordem e o resto será, disse, «para remédios destinados a pessoas idosas que sei terem tanta dificuldade para os adquirir».

Da Alemanha chegaram trinta euros, da assinante 2838, que lhes foi entregue por pessoa muito pobre, para os Pobres.

Murtosa: oferta da assinante 24982, duzentos e cinquenta euros. Cem deles, da assinante 7769, do Porto, «destinados aos Pobres mais carenciados».

Assinante 19148, do Porto, presente com «grande alegria, envia o contributo penitencial da Quaresma para os 'buracos' da farmácia. Junto também as minhas humildes orações, junto do Pai, para que Ele providencie sempre no suprimento das carências dos Pobres».

De Lisboa, o habitual cheque da assinante 31104, pedindo desculpa pelo atraso, «mas a saúde não tem ajudado. Deus considere as minhas intenções». E cinquenta euros da assinante 35068, da Maia.

Em nome dos Pobres, muito obrigado. Uma santa Páscoa!

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Acabamos de entrar, mais uma vez, no tempo propício à reflexão, ao recolhimento, à meditação. Um tempo de fazermos balanço às nossas vidas para pensarmos no que fizemos e tentarmos melhorar a vida daqueles que mais precisam.

Ponhamos, por um momento, os pés bem assentes no chão. Paremos um pouco para pensar como temos contribuído para ajudar a vida dos nossos irmãos que mais necessitam. Olhemos para o nosso interior e pensemos se já agradecemos a Deus, nosso Pai, o privilégio de termos uma casa para morar, enquanto outros continuam a dormir nas soleiras das portas. Termos as refeições a horas certas, enquanto outros continuam a fazer bicha, de lata na mão, para receberem uma tigela de sopa. Até o estarmos vivos, enquanto outros já partiram para o Pai. Tudo isto e muito mais, são motivos para o nosso agradecimento ao Criador da Vida.

Dizem que a omissão é o grande mal do nosso século! Não será? Não é por causa da nossa indiferença que a pobreza continua a aumentar no mundo inteiro?

Jesus diz que a nossa vida deve ser diariamente partilhada. Que bom seria se nós soubéssemos partilhar do que nos sobra

com os irmãos que estão à espera das nossas sobras!

Felizmente, a nossa Conferência vai ajudando os Pobres com algumas dessas sobras, que nos chegam às mãos. Mas que agora já não vão dando para as encomendas. Ou seja, para as reais necessidades que temos. Mas nós vamos continuando a confiar nos nossos Amigos. A confiar na grandeza do coração daqueles que confiam em nós, para fazermos chegar as suas ofertas aos Pobres.

O tempo que agora atravessamos é tempo de luz e de trevas. Trevas nas quais estão tantos irmãos nossos a viver sem o mínimo de condição de vida decente. Trevas, também, porque o tempo que atravessamos lembra a Paixão e Morte d'Aquele que salvou o mundo, dando a Sua vida na Cruz, para remir as nossas faltas de caridade. Mas também tempo de Luz que se faz no coração daqueles que vão em socorro do seu irmão mais necessitado. Luz, porque Aquele que é a Luz do Mundo triunfou sobre a morte. Esta Luz que ilumina o Mundo no dia da Ressurreição dos mortos.

Enfim, neste tempo de meditação, o Senhor nos dê forças e coragem para conseguirmos sofrer com aqueles que sofrem mais do que nós, porque não têm uma tigela de sopa quente para lhes aquecer o estômago. Com os que não têm tecto para se cobrirem nos dias de tempestade. Que a nossa consciência não nos deixe sossegar enquanto houver um Pobre sem uma refeição por dia, enquanto não houver um só

homem ou mulher válidos sem trabalho e sem alimento.

Nas nossas visitas escutamos os mesmos problemas, as mesmas queixas, as mesmas necessidades. O casal idoso continua a resistir a todas as contrariedades. Ela, apesar da sua magreza e idade, continua a ter forças para tratar do marido. Se em todos os lares houvesse tanto amor como o que existe naquele, de certeza que o nosso Calvário não teria tantos doentes. Ultimamente o marido dela foi internado no Hospital de Santo António.

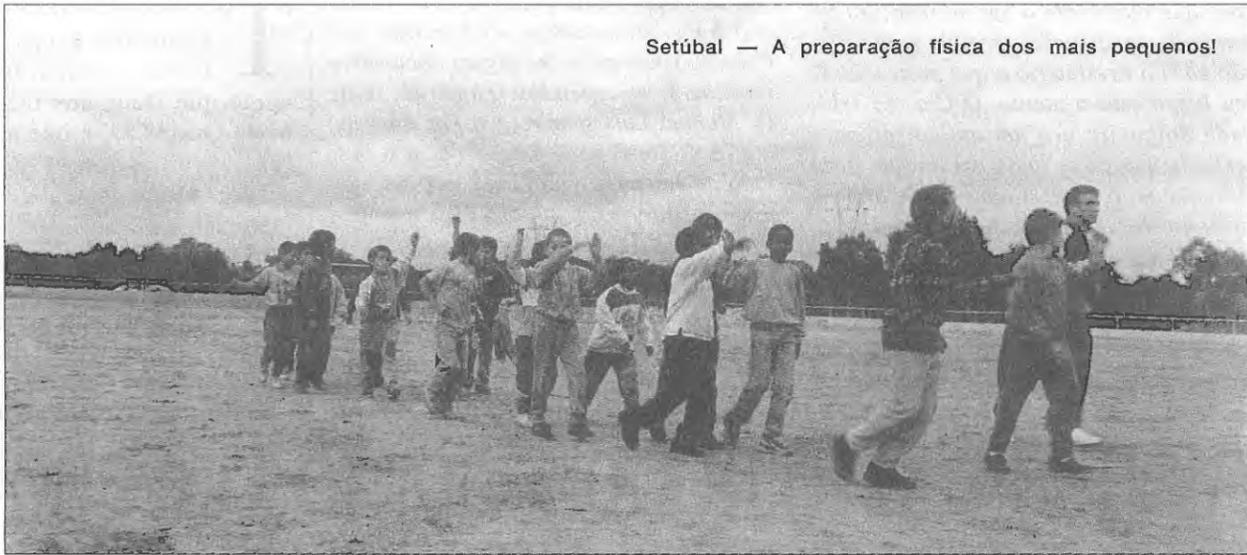
Olga e Valdemar

Destino IV

Deus fez-te Seu filho, como irmão em Cristo. Não morreste no Gólgota, foste atropelado de imprevisto. Mas a tua morte é vida no Além. Vives na casa do Pai Celeste por teres feito tanto bem. Tu és um herói, herói na vida e na morte, herói na heroicidade, deste toda a tua vida à sociedade. À sociedade abandonada, sem eira nem beira, ao pobre da viela, ao faminto da lixeira. A tua crença, a tua fidelidade deve lembrar à Igreja a tua santidade. E a Igreja somos nós todos, todos te devemos exaltar, reconhecendo a tua vida heroica, entronizando-te no altar.

Alberto Augusto

Setúbal — A preparação física dos mais pequenos!



SETÚBAL

AVARIA — O bulldozer está avariado. Não pega de maneira nenhuma. E faz-nos tanta falta! O Fernandinho já o tentou arranjar, mas o motor de arranque não pega. Agora, temos de nos ir desenrascando com os tractores, que voltaram a ser pau para toda a obra e nunca estão parados.

João Correia Dias

MEDIATECA — Na Escola temos uma mediateca. Nessa mesma, trabalha uma professora que se chama Ana Isabel.

Nós gostamos muito da nossa mediateca porque temos aprendido muitas coisas interessantes. Por exemplo: O curso de jornalismo e a informática.

Além disso, há lá também muitos livros e oito computadores.

Agora, já temos Internet onde costumamos corresponder-nos com outras Escolas.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Fevereiro, 63.300 exemplares.

Todas as semanas podemos requisitar livros e fazer pesquisas na Internet.

Quem nos quiser contactar, aqui vai o nosso e-mail: info@wb1-casagaiato.rcts.pt.

Zeca

EIRA — É onde a malta gosta mais de jogar a bola. Marcámos as balizas com umas pedras e uns riscos no muro. Então, o nosso Padre Júlio disse aos serralheiros para fazerem umas balizas boas. Já estão a ser metidas. Agora, ainda vai dar mais vício jogar na eira!

ANTENAS TV — Temos antenas novas e mais potentes. Viam-se os quatro canais

cheios de mosquitos. Até dava raiva! Também trocaram duas televisões já estragadas. Agora, vê-se televisão como deve ser!

SURPRESA — Tivemos a visita de gaiatos da nossa Casa de Paço de Sousa. Uma excursão para convivermos com a malta. Trouxeram flautas e tocaram para a gente. Jantaram conosco e dormiram na casa da Arrabávida. No dia seguinte, depois do almoço, encheram o autocarro com coisas que faziam lá falta e seguiram o seu passeio.

Carlos Jarreta e C. Nascimento

De cartas

«É o último cheque em escudos... Desejamos a todos um Ano Novo com muita paz. E à Obra todas as felicidades que ela merece. Desde a sua criação que meus pais me habituaram a considerá-la. Com mais ou menos intensidade sempre procurei ajudar. E sempre a ajudarei, enquanto puder. Que Deus vos ajude em todas as iniciativas — são os nossos votos.

Assinante 25756»

«Agradeço o prazer que tenho em ler os vossos retratos através da pena dos vossos 'porta-vozes'.

Assinante 27879»

«Meus amigos: Para o que mais necessitarem...!

Com a nossa gratidão pelo vosso trabalho...!

Que o Pai do Céu, que conhece tudo, vos dê sempre a coragem e a Fé que

este trabalho tanto vos pede e que Ele abençoe e guarde os vossos rapazes (a nossa juventude!) debaixo das Suas asas, do Seu amor de todos os dias.

Quando se lembrarem, peçam-Lhe por uma família... Ele sabe qual é! Um abraço amigo de

'Nós dois'»

«Saúde, paz e a graça de Deus para este ano que agora começa, é o desejo de todos. Aproveito para agradecer a leitura d'O GAIATO. Ela é para mim motivo de exame de consciência feito com humildade.

Assinante 26664»

«Quero agradecer os momentos de meditação que a leitura do vosso Jornal me proporciona. Perante a vossa nobreza de pensamento e de conduta de vida. Muito obrigado!...

Assinante 72496»

19 de Março de 1932

Continuação da página 1

tada pela Igreja até aos dias de hoje, provada pela partilha da sua penúria sacerdotal com os «padres da rua» que são d'Ela e servem, numa missão específica, o mais universal objectivo d'Ela: a instauração do «Reino de Justiça, de Amor e de Paz» que é o Reino de Deus — eis o Estatuto da Obra da Rua, nascida sem qualquer instrumento jurídico, nascida simplesmente para viver e comunicar vida, fez estes dias setenta anos.

Padre Carlos

PAÇO DE SOUSA

A NOSSA ALDEIA — Está mais descoberta, pois os galhos das árvores foram podados. Parece mais triste, mas é para o bem delas. Os galhos e folhas vão crescer mais fortes e vigorosos.

ESCOLA — Tivemos uma semana de férias devido ao Carnaval, semana esta que serviu para os rapazes descansarem e estudarem para obterem bom aproveitamento no fim do segundo período.

PASSEIO DA MÚSICA — O nosso Padre Acílio premiou os rapazes da música com um passeio à Casa do Gaiato de Setúbal, porque se esforçaram ao máximo para saberem tocar flauta. Para além de visitarem a Casa deram um pequeno concerto àqueles nossos companheiros. Com esta motivação esperamos que os nossos pequenos cantores continuem no bom caminho.

VACARIA — As vacas continuam a dar muito leite para o pequeno-almoço da comunidade. É uma coisa boa!

«Mancha-Negra»

DESPORTO — No dia 26 de Janeiro os Seniores receberam o Belenenses Aguiar, de Gondomar. Segundo o Lupricínio, tudo correu às mil maravilhas. Mais uma vitória, num desafio, em que jogámos um pouco desfalcados. O «Turbinas», capitão da equipa, jogou adoentado, com febre. Mesmo assim, foi um dos melhores em campo, não pelos três golos que marcou, mas pelo que jogou e fez jogar.

António Sérgio foi o guarda-redes que substituiu o «Mancha». Apesar de ter lugar cativo... não foi mal substituído. António Sérgio é seguro e não tem medo de cair no chão, mesmo que este não tenha relva. Não deixa ficar mal o escalão de Iniciados, onde militou algum tempo, como guarda-redes titular. É sportinguista! Se ele convencer o seu treinador a dispensá-lo, na altura em que os Iniciados lá fo-

rem teremos gosto que nos faça companhia.

Em 10 de Fevereiro os Iniciados receberam o Futebol Clube do Marco de Canaveses. Foi um jogo aberto de ambos os lados. Golos não faltaram. Apesar de termos sofrido mais do que é habitual, também marcámos o suficiente para que a vitória ficasse do nosso lado. O Fábio estava em dia sim e, à sua conta, foram cinco. O «Doutor» esteve bastante melhor, e também marcou três.

No dia de Carnaval, fomos visitados pelo Clube Caçadores das Taipas. Pelo que conseguimos apurar, vão em primeiro lugar na classificação da divisão a que pertencem. Apesar de termos jogado um pouco desfalcados, ainda não foi desta que a vitória nos fugiu. Lá diz o velho ditado: «Só faz falta quem está». Houve duas grandes penalidades. Uma para cada lado. A primeira, o nosso guarda-redes, bem colocado na baliza, não deixou que o adversário o desfeiteasse. A segunda, foi marcada pelo Fábio. Não a desperdiçou, e somou mais um golo para a sua conta.

Os Seniores receberam o Ermentão Futebol Clube. Já há tempos que não assistíamos a um desafio de futebol dos Seniores tão emotivo como o de 10 de Fevereiro. Eles trouxeram a equipa de arbitragem e muito futebol para porem em prática. Foi o que aconteceu. No que diz respeito à arbitragem, não temos nada a dizer. Estiveram impecáveis. No que toca ao desafio, foi preciso lutar e jogar muito para que a vitória nos pertencesse.

No final da primeira parte estávamos a ganhar por um golo, de «penalty», sobre o «Pião», que, apesar de tudo, não esteve nos seus melhores dias. A meio da segunda metade do jogo, conseguimos empatar. E como uma desgraça nunca vem só, o «Turbinas» faliu uma grande penalidade. Bem sei que até aqueles que ganham milhões, falham!

O Américo, esteve em grande plano. Correu, lutou e jogou desde o primeiro ao último minuto. É um elemento do Grupo Desportivo que nunca vira a cara à luta e entrega-se ao jogo como eu gostaria que alguns o fizessem. Neste caso, estou a referir-me aos Iniciados.

Numa tentativa de modificar o resultado, o treinador resolveu, e bem, alterar a posição de alguns atletas. Recuou o Bernardino que, quanto a mim, esteve (...) menos bem. Fez sair o «Bonga» e entrou para o seu lugar o Ricardinho e mandou o António Sérgio para ponta-de-lança. Não é o seu

lugar, mas safou a «honra do convento». Marcou o golo da vitória. Com este golo e com o apito final do árbitro, toda a gente respirou de alívio.

Não quero terminar esta crónica sem dar os parabéns ao «Mancha», que não deixou os seus créditos por mãos alheias.

Alberto («Resende»)



Brincam no recreio muito concentrados...

TOJAL

ESCOLA — O segundo período, para uns correu bem, para outros péssimo. Não o souberam aproveitar, deixando as coisas correr sem se preocuparem com a matéria. Resultado: no final só negativas. Nesse caso, o nosso Padre Cristóvão preparou uma surpresa para eles. Um castigo não faz mal a ninguém...

OFERTA — Recebemos, de um casal amigo, uma ovelha e um cordeiro devido à falta de

condições para os criarem. O nosso muito obrigado.

AGRADECIMENTOS — Aos nossos Amigos e conhecidos que têm colaborado conosco com ofertas. Resta-nos expressar um muito obrigado por tudo aquilo que nos têm dado.

«BATATINHAS» — Brincam, no recreio, muito concentrados, imitando um número que irão representar. No jardim do largo principal. Imaginam um palco enorme e o sorriso do público. Eles esperam o dia de apresentação da festa e receber muito aplausos.

Abílio Pequeno

DOCTRINA



A nossa Páscoa

A nossa Páscoa foi uma verdadeira declaração de amor da cidade do Porto aos seus filhinhos dos portais. Na Quinta-feira Maior, à hora do jantar, distribuí eu mesmo ovos tingidos e amêndoas. Segui para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e ali tive conhecimento de que a chuva de presentes, na sexta e no sábado, escurecera o sol — eclipse de amor.

NO meu regresso, tive mais notícias e soube que o almoço e o jantar e a merenda e a ceia dos rapazes, durante três dias, constou de ovos cozidos e coisas assim. Cidade Invicta, ninguém te vence! A Páscoa de Miranda do Corvo foi pascoela! Se não fora o Dr. Agostinho Vaz Pato, de Gramaços, nem sequer um ovo tínhamos para fazer a Páscoa! Este Agostinho é irmão do Dr. António que me tem dado ovelhas, carneiros, vacas, galinhas, almudes de azeite e o mais que calha. Ele senta à sua mesa catorze filhos, tem um rancho de criados, sustenta uma legião de Pobres. Ele tem as arcas cheias, tem os anos fartos, o vento apanha-lhe a lenha e Cristo leva-lhe a cruz — nunca faltou pão ao justo nem à sua descendência. O GAIATO que se apresenta ao público como um jornal endiabrado, traz nas suas letras vivas o sangue dos Inocentes. Ele desenterra e põe ao sol a doutrina velha do Pentateuco, à qual tu chamas palavra nova, coisa nova; e eu chamo a Boa Nova.

A pedra estava a uns metros retirada do sítio. Herlander e Sérgio tiram o casaco; Zé Maria já estava sem ele. Os três rapazes puxam; viram e reviram, até ela cair no chão, para que seja a espinha dorsal da Obra deles. Isto foi tal-qual se passou e do simples relato se nota que as Casas do Gaiato estão remando contra velhas correntes e praxes, em festas desta natureza. O símbolo cede à realidade. Não veio o senhor botar a colherada de cal, nem a menina cortar a fita. Há, sim, o braço forte de rapazes fortes, a trambolhar o calhau para o seu sítio, absolutamente senhores de si, donos do que é seu, na Casa deles. Em lugar dos discursos do estilo, houve três dúzias de foguetes lançados pelo Ambrósio e a pequenada a correr atrás das canas. Em substituição do clássico «Porto d'honra», houve uma sopa grossa de abóbora e vagens, um prato de vitela com batatas novas, uma fatia de pão do nosso milho, um pires de arroz doce e uma caneca de vinho a fazer bigodes. Tudo isto cozinhado pelos nossos, servido pelos nossos, saboreado e discutido pelos nossos — Obra deles, por eles, para eles.

NO final ouviram-se os vivas nascidos dentro deles e puxados do coração, sem rótulos nem encomenda — coisas sagradas, filhas do sentimento, notas vivas e alegres que só eles sabem dar, uma vez que compreendam o seu estado racional de pessoas livres, de que se podem fazer futuros homens de bem. E destarte, com as armas da justiça e da verdade, no meio da ingloria e da infâmia, que vem a ser o natural *sim e não* da ignorância, caminha a Obra da Rua pela estrada da angústia, que ele nunca houve no Mundo outra diferente para as Obras que deixam ficar para trás de si a sua marca.

ESTAMOS averiguados da Capela. Quanto à enfermaria, temos presentemente a pedra feita; apenas esperamos pelo último retoque do arquitecto, depois do que se vai levantar o edifício. Falta-nos a casa das oficinas. Excelentíssimos senhores leitores, Homens de inteligência e de coração, trabalhai para dar um dote condigno a cada um destes pequeninos deserdados! Eles começam a mostrar a sua vocação, a pedir um ofício — querem trabalhar. A nossa quinta não pode ocupar todos os braços. Espero na volta a resposta a este meu apelo. Não há tempo como a hora presente. Esta palavra *agora* é, até, o único momento a que podemos chamar nosso. Ontem já foi. Amanhã talvez não seja. Infeliz povo que deixa correr nos dicionários o preguiçoso amanhã!

D. Amín. 5.!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

O «Peixinho» passou a ser o nosso *servente* de mesa após prova negativa do «Quarteira».

Muito me admirei de ver o nosso *serviçal* de cara sorridente e avental verde a explicar-me à mesa: — *Agora, sou desta obrigação.*

O Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental da Infância e Adolescência do Hospital de São Francisco Xavier, de Lisboa, havia solicitado a nossa protecção.

Já no princípio do ano escolar passado a assistente social daquele departamento de Saúde, mais a mãe,

MOMENTOS

Contradições

tinham estado comigo na nossa Casa de Setúbal acompanhadas do Bruno.

Nessa altura, não aceitaram o ser da Casa do Gaiato. Preferiam um colégio.

Respondi-lhes que não era possível sermos outra coisa diferente da que somos: — Uma Casa de família para os a quem ela falta.

E foram-se embora!

Setúbal

A vida escolar dos nossos rapazes

É um dos aspectos da vida que mais nos aflige. Recentemente, tivemos um caso que foi longe na ordem das más notícias que por vezes nos assaltam. O desrespeito pelo professor atingiu níveis que não nos pareciam possíveis em estado de consciência normal.

Fizemos justiça, como se impunha, a bem do rapaz e de todos os rapazes. A intervenção da comunidade lembrou que a misericórdia anda de braço dado com a justiça.

O assunto serviu de tema à conversa com eles.

Achamos que, antes de tudo, os alunos não deveriam frequentar a escola de modo obrigatório até ao nível estabelecido, como acontece de alguns anos a esta parte. Como é possível obrigar um jovem, até aos quinze anos de idade, pelo menos, a fazer aquilo que ele não quer fazer? Ainda mais nesta mentalidade social em que o livre arbítrio começa tão cedo, tantas vezes ainda antes da idade da razão? E com um ambiente familiar tão permissivo, em que é raro haver humildade dos pais quando confrontados com erros atribuídos aos filhos?

Depois, o poder disciplinar que se retirou totalmente aos professores, com que habitualmente os alunos travam seus conflitos, impedindo um ambiente de relação natural entre todos. Estas tornam-se artificiais, geradoras de graves conflitos emocionais, de que os professores são as principais vítimas. A sociabilidade tem as suas regras, mas estas não podem consistir em amarrar num colete de forças os indivíduos.

Por fim, a desvalorização da autoridade, estatuto adquirido com os anos e a experiência, elemento útil de serviço ao equilíbrio das relações sociais.

Feitas as contas, não se vê quem fique a ganhar, todos perdem. A não ser que a vaidade de mandar ou os falsos quadros estatísticos possam satisfazer alguém.

A Páscoa de Jesus

PROXIMA-SE. Como é necessário que inunde a vida dos homens?!

Pela Páscoa sabemos da verdade. «O que é a verdade?» Jesus olha em frente apontando-a: os acontecimentos que se seguirão, a vitória sobre o fruto da mentira, a morte.

A Sua vida pode agora ser relida a uma nova luz: tudo quanto disse e fez é a verdade.

Ao invés da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, é a lei que vem ganhando nos nossos dias, lugar de destaque. Quer-me parecer que nunca como hoje existiram tantas leis. Tantos regulamentos orientadores das coisas mais comezinhas da vida em sociedade. A complexidade desta precisa de simplicidade.

Jesus veio reduzir a lei ao essencial, ao seu espírito: amar. O amor é a nova lei; ele julgará tudo.

Que a Páscoa de Jesus fecunde a vida dos homens, pois Ele veio subtrair-nos ao domínio da lei para nos fazer viver a sua plenitude: o amor.

Padre Júlio

PENSAMENTO

A verdade não se enfeita nem se desgasta.

PAI AMÉRICO

Decorria este novo ano, quando comecei a ser apertado com telefonemas e mais telefonemas do referido Hospital: — Que era uma desgraça, que tivesse pena, que ninguém lhe abria a porta.

Combinada uma ida a Setúbal buscar cómodas e cadeiras, o Bruno veio comigo e com o «Resende» a 5 de Novembro passado.

Cara de cera, brinco na orelha, boné de pala para trás, um maço de tabaco no bolso e um isqueiro na mão espelhavam a alma deste menor de treze anos que ninguém aceitava.

Parámos duas vezes, na longa viagem, e o rapaz

afastou-se para fumar um cigarro. Eram os últimos, desabafava.

— Não me dás um cigarrito! — intrometia-me para me relacionar.

— *Só tenho mais um!*

— *Dá-me uma puxada!*

— *Você não pode, os padres não fumam* — repeliu a minha pretensão com algum enfado.

Passados dias tirou o brinco. O ambiente não ajudava.

Na Escola protestou até esgotar a paciência das professoras que, desanimadas, vieram ter comigo:

— *Não fazemos nada. Não quer!*

— É necessária muita paciência, compreensão e carinho.

A esposa do «Resende», sua catequista, tem sido magnífica ajuda. Gosta dela e faz tudo para lhe agradar.

Estive, hoje, na sala de aula para sentir o seu pulso.

— *Não se pode apertar* — diz a professora — *ameça logo que vai fugir!*

— Não ligue. Ele não foge. Gosta imenso de cá estar. E mais agora que é o nosso *servente*.

Ontem, ao jantar, trazia uma pequena travessa de legumes com peixe de um lado e carne do outro. Pousa a travessa na mesa, entre o Padre Carlos e eu, dirige-se a ambos, passa por cima da comida, sem tocar, com a mão estendida, ao meio, dizendo:

— *Daqui para ali, é para o Padre Carlos. E para esta banda, é para o Padre Acílio!*

A que distância me senti daquele momento em que lhe implorava uma puxada! Tão terno, tão contente, e tão à vontade.

Cinco meses bastaram para esta mudança!

O seu processo é volu-

moso: participações da PSP, são oito; relatórios, são muitos; queixas, não sei quantas; decisões do Tribunal e Comissão de Protecção de Menores, também!

A nós coube-nos o «Peixinho» — o Bruno Ramalho, ia a escrever todo inteiro, mas não, já lhe falta dedo e meio da mão direita. Foi uma bomba.

Se vencer o medo da Escola, teremos homem. Tanta Instituição interveio nesta história! Ninguém o quis. Somos nós os chamados, não pelo Estado que nunca lhe deu a mão, mas por ele, através de voz amiga. Depois, vêm as actas, as deliberações, o legalismo e qualquer dia as imposições. Estamos sujeitos a tudo por amor da criança abandonada, mas contentes com o «Peixinho» a quem amamos.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

sinal: «Pelo amor sereis conhecidos». Agora, o que encontraram? Eles o dizem: «Uma família que vive num contentor e alguns toldos sem o mínimo de condições». Envolveram a Câmara e a Junta de Freguesia que abraçaram o projecto, dispondo terreno, projecto, apoio técnico e serviços. Assim mesmo! É gente que não discute futilidades nem se entrega a negociatas. O custo: 4.700.000 escudos. Pedem a nossa ajuda, referindo que em tempos custeámos, noutra acção, a construção de um quarto. O nosso pensamento voou para o nosso Padre Horácio. Em memória do seu amor aos Pobres vamos também dar a nossa ajuda. Não sentimos nós a proximidade da Páscoa do Senhor e a partilha que ela sugere?

Finalmente: Dois lindos meninos. É uma Cidade do Centro. Um Pároco próximo intercede. A mãe trabalha numa casa que evidencia opulência e riqueza. É uma quinta com piscina e tudo. A «dona» do «palácio» mostra tudo com um gosto pessoal surpreendente: as coisas parecem ter nascido do sangue e do suor. Numa garagem quatro carros de «alta cilindrada» e de marca. O problema são os pequenos: empatam, dão alguns problemas. É evidente! Sentamo-nos. As lágrimas da jovem mãe «enfeitam» a história que vai contando. Os pequenos de três e sete anos, sorridentes, estão dispostos a vir comigo. Travo! Que pense melhor. É uma mãe jovem, bem apresentada e protegida... Digo-lhe que pense melhor. Volto-me para a patroa e intercedo. Chego a apelar em nome do prémio do céu... Enquanto vão pensar melhor, eu medito nos meus apelos quaresmais sobre a necessidade de mães — que não temos! Só os aceitarei como última solução.

A Páscoa não anda longe. Há vidas que antecipam a sua chegada. São corações que se deixam atrair pelo Rosto do Ressuscitado.

Padre João



Benguela — Eles brincam no seu jardim.

Benguela

Continuação da página 1

vezes, em momentos aflitivos, o pai ou a mãe vem pedir dinheiro para comprar sangue para o seu filho cheio de anemia. Dou tudo o que precisam: as agulhas, o saco, o sistema, os remédios. Porém, não-de encontrar o sangue nos vizinhos, nos familiares, nos amigos. É uma caminho, a meu ver, para actuar a partilha em assunto tão

importante como é a vida. Tem dado resultado.

As fortes chuvadas dos últimos dias, em plena Quaresma, são um despertador da nossa consciência para irmos ao encontro do irmão. Onde está o teu irmão? Esta pergunta alarga o horizonte para perto e para longe. O que precisa de mim é meu irmão em necessidade. Precisamos dos outros. Que seria de nós sem os outros? Castelos

vazios, sem história para contar. Precisamos dos outros para nos reconciliarmos pelo muito que podíamos fazer e não fazemos.

Estou a escrever no dia da Reconciliação, em Angola. A paz passa pela reconciliação. Esperamos a paz. Quando chega? Há um caminho longo a percorrer. As armas podem calar-se, mas a guerra continua no coração. As pessoas estão longe. O caminho mais certo e mais curto é o da justiça e da caridade. Caminho longo! Queremos construir a paz a partir desta trincheira.

Padre Manuel António